

**O ENSINO DE FILOSOFIA E O BULLYING: RETRATOS DE UMA EXPERIÊNCIA
FILOSÓFICA¹**
[TEACHING PHILOSOPHY AND BULLYING: PORTRAITS OF A
PHILOSOPHICAL EXPERIENCE]

André Augusto MAIA

Mestre em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação
Profissional em Filosofia (Prof-Filo – UFSCar – SP).
Doutorando em Educação Escolar pelo Programa de
Pós-Graduação em Educação Escolar (FCLAr – UNESP
– SP). Professor da Rede Estadual de Ensino de São
Paulo – SEDUC-SP.
E-mail: aaugustomaia@prof.educacao.sp.gov.br

Resumo

Apresentamos neste artigo fruto das atividades de pesquisa/docência ao longo dos estudos do mestrado profissional em Filosofia. Trata-se de projeto construído em uma escola estadual de Ribeirão Preto-SP, intitulado “E se fosse você? Grupo de apoio contra o bullying e violência escolar”, onde realizamos pesquisas e atividades de ensino de Filosofia, buscando refletir e enfrentar os fenômenos recorrentes entre alunos do Ensino Médio, especialmente o bullying e o preconceito. Apresentamos, além dos aspectos que motivaram este estudo, reflexões sobre a atualidade da Filosofia no pensamento adorniano, além de relatos e análises das experiências filosóficas realizadas com os alunos.



Palavras-chave

Filosofia. Ensino. Teoria Crítica. Bullying. Preconceito.

Abstract

We present in this article the result of research/teaching activities throughout the studies of the professional master's degree in Philosophy. This is a project built in a state public school in Ribeirão Preto-SP, entitled "What if it were you? Support group against bullying and school violence", where we conduct research and teaching activities of Philosophy, seeking to reflect and face the recurring phenomena among high school students, especially bullying and preconception. We present, in addition to the aspects that motivated this study, reflections on the actuality of Philosophy in Adornian thought, as well as reports and analyses of philosophical experiences carried out with the students.

Keywords

Philosophy; Teaching; Critical Theory; Bullying; Preconception.

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES)

Introdução

De que valeria a educação se não para nos tornar críticos? Essa pergunta carrega um aspecto subversivo, ainda mais em tempos de obscurantismo, negação da filosofia e da ciência. Uma pergunta necessária, entretanto. Até mesmo o professor mais otimista, diante de um contexto tão adverso, perguntaria: como seria possível pensar a educação num espaço onde o pensamento crítico é paralisado pela ignorância presente nas inúmeras redes sociais?

Movimento. Esta talvez seja a característica mais marcante do pensamento, das ideias, dos questionamentos. Os questionamentos nos movem, as ideias nos mobilizam. Estar em sala de aula é ansiar e propagar os saberes, como os que amam e desejam colocar a vida em movimento. Não se trata de um movimento de via única, em que o professor transmite um saber preparado e já previamente planejado, aos seus alunos paralisados diante dele. O professor de Filosofia, especialmente dentro de uma escola pública carente de humanidade, necessita construir, através de um longo processo de conhecimento e experiência, uma empatia que ajude sobremaneira ao aluno a refletir sobre si e sobre o mundo.

Conhecimento e experiência nos movem em direção ao outro. Dos sentidos possíveis de uma experiência filosófica, entendemos que as escolas têm potencial de, mediante o ensino de Filosofia, movimentar-se para afastar as situações de preconceito das relações entre alunos e professores, dentre as quais o *bullying* nos interessa diretamente.

Buscamos desenvolver neste artigo, fruto das pesquisas para a obtenção do nível de mestrado profissional em Filosofia, reflexões e relatos de experiências obtidas em nossa atividade docente, que convergem com a defesa e atualidade do ensino de Filosofia para alunos de Ensino Médio, em busca de refletir/enfrentar as situações de preconceito e *bullying* na escola. Ancorados na perspectiva adorniana de educação, argumentaremos inicialmente sobre a atualidade da Filosofia para superar uma realidade obscurecida e, posteriormente, teceremos reflexões a partir das experiências obtidas em sala de aula, ao longo de nossas atividades de pesquisa e ensino.



1. A atualidade da Filosofia para superar uma realidade obscurecida

Estamos diante de uma realidade que se nos apresenta confusa, obscura, permeada de situações em que o comodismo se demonstra mais facilmente, atuando para produzir humanos individualizados, egoístas, preconceituosos. Porém, temos que “todo filósofo é um descortinador” (PUCCI, ZUIN, RAMOS-DE-OLIVEIRA, 2012, p. 11). O filósofo se apresenta, na sua ação de descortinar, como aquele que oferece um caminho possível de reflexão para aqueles que ainda não vislumbraram uma vida para além de um cotidiano determinado e permeado por preconceitos. O descortinar da realidade, através da Filosofia, permite-nos suspeitar da naturalidade dos preconceitos e buscar a superação deste estado de coisas.

Assim, o professor de Filosofia, em conjunto com seus alunos, ao propiciar situações para descortinar a realidade obscurecida, realizará a tão necessária reflexão para superar uma vida agressiva, a obsessão pela ignorância, a adesão à violência simbólica e ao *bullying*, situações em que os conflitos e os preconceitos se apresentam.

Adorno (1996) nos ajuda a refletir, a partir de seu ensaio *A atualidade da Filosofia*, escrito em 1931, sobre a necessidade de superar o idealismo, que propunha uma perspectiva de apoderamento da totalidade da realidade através do pensamento racional, convidando-nos, por conseguinte, a uma nova perspectiva, em que as subjetividades não fossem sufocadas e determinadas mediante um conteúdo arbitrário da realidade.

A proposta de um mundo administrado, ainda se faz presente, obscurecendo as subjetividades da perspectiva de pensar a partir de suas próprias realidades, em detrimento de um mundo de única perspectiva, colonizadas as ideias em torno de uma vida administrada e planejada. Adorno denuncia que a ânsia por uma filosofia idealista, que se pretenda suficientemente necessária para responder pela origem de todas as coisas, invariavelmente caminha para a arbitrariedade, tornando-se uma filosofia que “não serve para nada, a não ser ocultar a realidade e perpetuar sua situação atual”. (ADORNO, 1996, p. 325).

O obscurecimento da realidade, tão presente nos últimos tempos, inclusive neste contexto pandêmico, é necessário para manter o mundo sob a égide do capital, que ordena todas as coisas e faz-nos, inclusive, pensar que a vida está em segundo plano, em detrimento à manutenção da economia. Trata-se de um processo em que o pensamento crítico, os rastros históricos e os acontecimentos do presente são relativizados, de tal forma,



que não sabemos ao certo *porque caminhar*, mas somente *para onde caminhar* – mesmo que esse caminho leve a um processo de desumanização e destruição de si mesmo e do outro.

Temos, diante desse cenário, que o pensamento crítico deve se dirigir para os problemas reais, para os problemas que ocorrem diante de nossos olhos. Os esforços para buscar caminhos ou possibilidades de solução para esses problemas passam, necessariamente, pela busca de uma filosofia desprovida de uma intenção de abarcar a totalidade ou mesmo uma busca de soluções metafísicas.

Para Adorno, a Filosofia só atinge sua plenitude quando, a partir das ciências particulares, combina um método de investigação que privilegia a interpretação dos problemas, reconhecendo que “a filosofia não se distingue da ciência [...]: a ideia da ciência é investigação, a da filosofia interpretação”. (ADORNO, 1996, p. 334). Esse reconhecimento da aproximação entre filosofia e ciência busca afastar uma pretensão de subordinação da filosofia, numa perspectiva pragmática e até mesmo positivista, de que bastaria o conhecimento científico para dar conta da realidade.

Entendida a atualidade da filosofia e do pensamento crítico, a partir da necessidade de superação de uma realidade obscurecida, determinadora das subjetividades, temos que não faz sentido a construção do conhecimento humano sem o mínimo de compromisso com a verdade. É preciso, além disso, evitar a tendência a uma perspectiva “cega”, em que se acredita que as perguntas propostas até então são suficientes e que não precisamos realizar o procedimento dialético de sempre, continuamente, “começar de novo”. (ADORNO, 1996, p. 334).

Diante de um fenômeno complexo e dinâmico - como o *bullying* - acabamos cedendo à lógica conformista em que soluções rápidas precisam ser tomadas. Uma lógica de dominação dos sujeitos, que cedem à passividade, a uma vida automática, fadigada pela busca por resolver os problemas da humanidade através de uma lógica cientificista de que “tudo resolve”.

A atualidade da Filosofia, nesse sentido, reside também na capacidade de recomeçar, de se perguntar, pensar e repensar. Trata-se do tão necessário movimento a que somos impelidos a vivenciar a realidade tal como se apresenta, vencendo aquilo que nos obstaculiza a viver para si mesmo e junto com os outros, superando os conflitos e preconceitos.



Adorno adverte que a tarefa da filosofia não é “demonstrar nem justificar [...] a realidade como ‘cheia de sentido’” (1996, p. 334), mas, sim, romper com uma imagem preconcebida da existência: a crença de que o mundo se explica apenas por equações matemáticas, teorias científicas, perspectivas metafísico-religiosas, que se esquecem do fundamento subjetivo-humano que pode não só investigar o mundo, mas, principalmente interpretá-lo continuamente.

Quem interpreta, quando procura atrás do mundo dos fenômenos um mundo em si, que lhe serve de base e o sustenta, se comporta como alguém que quisesse procurar no enigma a reprodução de um ser que se encontra detrás, que o enigma reflete, em que se deixa sustentar; enquanto que a função para a solução do enigma é iluminar como um relâmpago a sua figura e fazê-la emergir, e não teimar em ir até o fundo do enigma e assemelhar-se a ele. (ADORNO, 1996, p. 335).

A ideia de enigma, problematizada por Adorno, nos convida a uma nova experiência: é preciso abandonar a falsa impressão de que nosso pensamento tem a capacidade de elucidar a realidade como um todo, num jogo em que *tentamos adivinhar as respostas do enigma* e, tendo chegado à *suposta resposta*, nossos problemas estariam plenamente resolvidos.

A experiência filosófica que Adorno nos convida a realizar é aquela de quem busca uma autêntica interpretação filosófica, que valoriza o pensamento crítico que vai às entranhas de uma realidade, por entre os grandes problemas, descortinando, assim, uma realidade obscurecida por tantas coisas que não nos levam à lugar algum, apenas a situações de dominação e conformismo. A Filosofia deixa de ter um caráter enigmático e passa a ter um caráter crítico: numa verdadeira postura de antítese, o filósofo vai incomodar-se com os enigmas, elaborar perguntas, construir respostas, porém, não acreditar que as respostas são definitivas.

[...] a resposta está em estrita antítese com o enigma; necessita ser construída a partir dos elementos do enigma e destrói o enigma – que não é algo pleno de sentido, e sim desprovido de sentido – tão logo lhe seja dada a resposta convincente. O movimento que aqui se executa como jogo, o materialismo executa com seriedade. Seriedade significa, aqui, que a resposta não permanece no espaço fechado do conhecimento e sim que é a práxis que lhe dá. (ADORNO, 1996, p. 338).

Vemos a importância de uma postura crítica e verdadeiramente filosófica diante da realidade. A realidade não se transforma pelo conceito puro, dado e consagrado: é preciso uma postura de construção da realidade que pressupõe e exige a transformação. Adorno



conclui que “só dialeticamente me parece possível a interpretação filosófica”. (ADORNO, 1996, p. 338). Teoria e prática são inseparáveis.

Ao buscar reavivar a autenticidade da Filosofia, voltando-nos à materialidade dos problemas humanos, entendemos não só a pergunta como algo fundamental, mas as respostas como não definitivas em si e que é preciso um constante recomeçar. Dados assim, os passos para que uma realidade, obscurecida de verdade, possa ser descortinada, estaremos abertos à nossa real capacidade de investigação do mundo e dos desafios que nos forem impostos em nossa atividade docente.

2. Retratos de uma nova realidade: a experiência filosófica de enfrentamento do *bullying*

Qual deveria ser o papel do professor, ao assumir sua tarefa como uma *experiência filosófica autêntica* e, numa perspectiva crítica, estar diante de uma situação de *bullying* na escola?

Partimos da premissa de cuidado com o ensino de uma perspectiva crítica e a necessidade de um olhar microscópico (PUCCI, 2008). O professor necessita buscar, nos pequenos detalhes, as possibilidades para fazer florescer o conhecimento filosófico, deixar de coisificar, abandonar aquilo que nos aliena de nossa capacidade de interpretar e dar significado ao mundo, a partir de nós mesmos.

Esse cuidado ao ensinar filosofia, numa perspectiva de enfrentamento do *bullying*, é necessário no tempo presente, em que “os males se globalizam sob a aparência do bem, e, pior ainda, do inevitável, do insuplantável, daquilo que teria que ser integralmente aceito e incorporado.” (PUCCI; ZUIN; RAMOS-DE-OLIVEIRA, 2012, p. 13).

Num segundo momento, urge suplantando os limites impostos pela semiformação, situação em que os alunos podem ser empobrecidos do exercício do pensar e ter sensibilidade diante dos problemas reais, diante do outro e de si mesmo. Superar uma lógica de “semicultura [...] deformação que impede, que traz obstáculos à formação” (PUCCI; ZUIN; RAMOS-DE-OLIVEIRA, 2012, p. 13), em que não se reflete sobre o que se ensina, não se pergunta sobre o que está sendo ensinado e sequer o porquê, nem mesmo se constrói uma situação de ensino em que se reflita constantemente sobre a necessidade de abandonar tudo aquilo que pode nos levar novamente à barbárie.



Num terceiro momento, retomamos novamente Adorno – em sua conferência intitulada *A Educação contra a barbárie* – para tratar sobre a urgência por desbarbarizar, de se resistir contra a barbárie produzida e reproduzida diariamente.

A forma de que a ameaçadora barbárie se reveste atualmente é a de, em nome da autoridade, em nome de poderes estabelecidos, praticarem-se precisamente atos que anunciam, conforme sua própria configuração, a deformidade, o impulso destrutivo e a essência mutilada da maioria das pessoas. [...] Suspeito que a barbárie existe em toda parte em que há uma regressão à violência física primitiva, sem que haja uma vinculação transparente com objetivos racionais na sociedade, onde exista, portanto, a identificação com a erupção da violência física. (ADORNO, 2003, p. 159).

A desumanidade não é um propósito individual, de algumas pessoas que são más por conta de situações específicas e isoladas de um contexto social. Adorno (2003) considera que a derrocada para a barbárie é um projeto de civilização que sucumbe do sujeito a capacidade de construir, pela sua subjetividade, um pensamento crítico capaz de não compactuar com a violência de nenhuma maneira. Nesse sentido, Adorno não só nos ajuda a descortinar esta realidade obscurecida, mas nos convida a um exercício reflexivo: não seria a barbárie um projeto de caos social, para culpabilizar os próprios indivíduos por sua autodestruição e a destruição de outros?

Traçadas as premissas, passaremos a tratar das experiências obtidas na escola.

Em março de 2019, mais precisamente no dia 13, ocorreu um trágico episódio em Suzano-SP, na Escola Estadual Raul Brasil, em que dois ex-alunos, trajados de forma bastante similar aos atiradores do massacre de Columbine, entraram na escola, mataram sete pessoas e se suicidaram em seguida. Segundo a imprensa, esse episódio foi mais trágico e mais letal que o caso ocorrido em 2011, em Realengo-RJ. Os três casos citados, bastante parecidos pelos procedimentos tomados pelos assassinos, têm um caráter comum: eles foram (ou eram) alunos das escolas que atacaram.

Ao analisarmos esses casos conjuntamente com os alunos, visando compreender o discurso por detrás das notícias dos massacres nas escolas citadas, chegamos à algumas considerações: (1) há um *excessivo foco nos assassinos*, na busca de encontrar as motivações para os massacres em questões externas à escola; (2) vemos inúmeras *promessas dos governantes* de que haverá aumento de segurança e de policiamento nas escolas – como se isso resolvesse rapidamente a questão e, por último (3) temos também



as *promessas dos secretários de educação* de que os professores e especialistas criarão, rapidamente, algum projeto inovador para enfrentar o problema.

Diante de tão trágico caso, ocorrido há alguns quilômetros de distância de nossa unidade escolar, situada em Ribeirão Preto-SP, poderíamos, ao acreditar em uma perspectiva simplista e obscurecida, pensar que *nunca nos ocorreria tal episódio, uma vez que nossa realidade é outra e não se sofrem tais problemas, que em nossa escola não ocorrem tantos casos de violência e que “tudo está sob controle”*, perspectiva que nos obscurece, nos leva a uma simplificação da realidade, uma relativização das situações e, sobretudo, à uma coisificação do outro.

Diferentemente do que o pensamento dominado pelo senso comum poderia concluir, uma das turmas de Ensino Médio em que atuávamos à época dos acontecimentos em Suzano-SP e incomodada com o episódio trágico, surpreendeu-nos com a proposição: *por que não criar na escola algum tipo de “apoio” ou reflexão sobre o bullying e a violência escolar, que se faz tão presente, todos os dias?*

Entendemos aí uma pergunta carregada da autenticidade e atualidade da Filosofia, que Adorno (1996) nos convidava outrora em seu ensaio. Seriam duas as possibilidades do professor aqui: ouvir e acolher tal perspectiva; relativizar e negar tal perspectiva, como obscurecimento de uma realidade latente.

Optamos pela primeira possibilidade. Após ouvir tantos outros alunos em outras turmas, conversar com alunos do grêmio estudantil, juntar forças e ouvir os anseios de todos, germinava uma ideia que, mais tarde, ganhou nome e se tornou um projeto da escola, chamado: *“E se fosse você? Grupo de apoio contra o bullying e a violência escolar”*.

O grupo, pensado a partir da demanda dos alunos, pretende refletir sobre as experiências vividas e, a partir do diálogo entre iguais, proporcionar que os alunos não só compreendam ou rememorem o passado, mas busquem, nele, significado para ajudar a outros alunos a fazerem a mesma reflexão: *sermos tomados pela aversão à violência e à barbárie* (ADORNO, 2003), sob todas as suas formas.

No grupo de apoio, o melhor papel do professor seria muito o de facilitar o diálogo e o questionamento filosófico do que o de determinar o caminho a ser percorrido. A partir dos pressupostos teóricos da Filosofia, da responsabilidade com a busca de uma realidade em que a agressividade seja rejeitada e do cuidado com uma perspectiva crítica, temos que o papel do professor reside em criar situações nas quais o aluno tenha a oportunidade de



ouvir e falar, pensar com autonomia, enfrentar as situações de *bullying* e superar as situações de preconceito na escola.

Entendemos que a proposição do *grupo de apoio* é uma estratégia que parece simples, mas, que tem um grande potencial de resistência à barbárie. Afinal, não basta que o aluno aprenda uma determinada habilidade para favorecer a convivência e a autonomia juvenil, se não lhe são garantidas as condições para a realização disso dentro da escola. A garantia de espaços para refletir sobre os problemas reais que atingem os alunos nos levaram a colher relatos que, a nosso ver, demonstram uma mudança na maneira de pensar a respeito do fenômeno *bullying*, e justificam a nossa escolha por um grupo de apoio, em que não só se garanta o espaço para escuta das situações vivenciadas pelos alunos, mas, sobretudo, um espaço em que o questionamento, o pensar e o repensar estejam presentes.

Um dos participantes das atividades acrescenta: *“A pessoa que sofre bullying perde a confiança nas pessoas. Nós precisamos gerar confiança uns com os outros. Se eu guardar para mim o que eu vivenciei sobre o bullying, sofrerei o resto da vida.”* À perda de confiança somam-se as pressões colocadas pela sociedade, pela família e até mesmo pela escola, especialmente sobre as expectativas que são nutridas em relação aos adolescentes a respeito da escolha de profissão, gostos e costumes e, até mesmo, sobre a pressão de sucesso nos vestibulares.

A falta de apoio da família na escuta dos problemas, medos e angústias deles, a desconfiança de alguns professores na capacidade dos alunos e a descrença dos adultos, em geral, sobre as potencialidades deles, está bem retratada na fala/sentimento de um dos participantes: *“para a sociedade em geral somos sempre tratados como menores, incapazes, somos banalizados pelos adultos”*.

Se por um lado temos a pressão natural da vida (o crescimento e amadurecimento que todos nós precisamos passar para enfrentar as situações mais difíceis da vida), por outro identificamos, na fala dos alunos, algumas situações de abuso, que se materializam no preconceito e na violência, gerados quando outros pretendem que nós sejamos e existamos neste mundo de maneira determinada, padronizada, estereotipada.

Assim, o grupo de apoio, ao se apresentar com um questionamento - *“E se fosse você?”* - movimenta o aluno para pensar como o outro pensa, sentir como o outro sente. A experiência filosófica aqui proposta não convida o aluno a assumir um conceito pronto, do tipo: *“é preciso ter empatia pelos outros”*, mas o ajuda a dar significado à empatia, pensando



que esta não se trata apenas de se colocar próximo ao outro, mas sim de *buscar pensar como se fôssemos o outro e junto com o outro*.

Entre as tantas atividades possíveis – debates, rodas de conversas, elaboração de desenhos e frases, teatro – elencamos, abaixo, parte de nossa experiência, que passamos a analisar e relatar. Temos conosco que a atividade que mais ajuda o aluno nesse processo de reconhecimento de si mesmo e do outro, bem como no processo de publicização das práticas de sala de aula que convergem com a reflexão crítica a respeito dos fenômenos vivenciados por ele, é a estratégia artística que engloba, ao mesmo tempo, desenhar e escrever frases.

A autoria de si carrega, a nosso ver, dois sentidos: a estética da escrita e a estética de retratar o pensamento através do desenho. Estas estratégias mobilizam o aluno não só a expor aos demais colegas os seus sentimentos, mas garantem o necessário espaço para que a subjetividade se manifeste, nesse caso, através dos recursos estéticos ora mencionados. Lembramos que as atividades apresentadas como referências a seguir só foram realizadas após os encontros, diálogos e experiências filosóficas realizadas na escola, objeto de nossa pesquisa de mestrado. (MAIA, 2019).



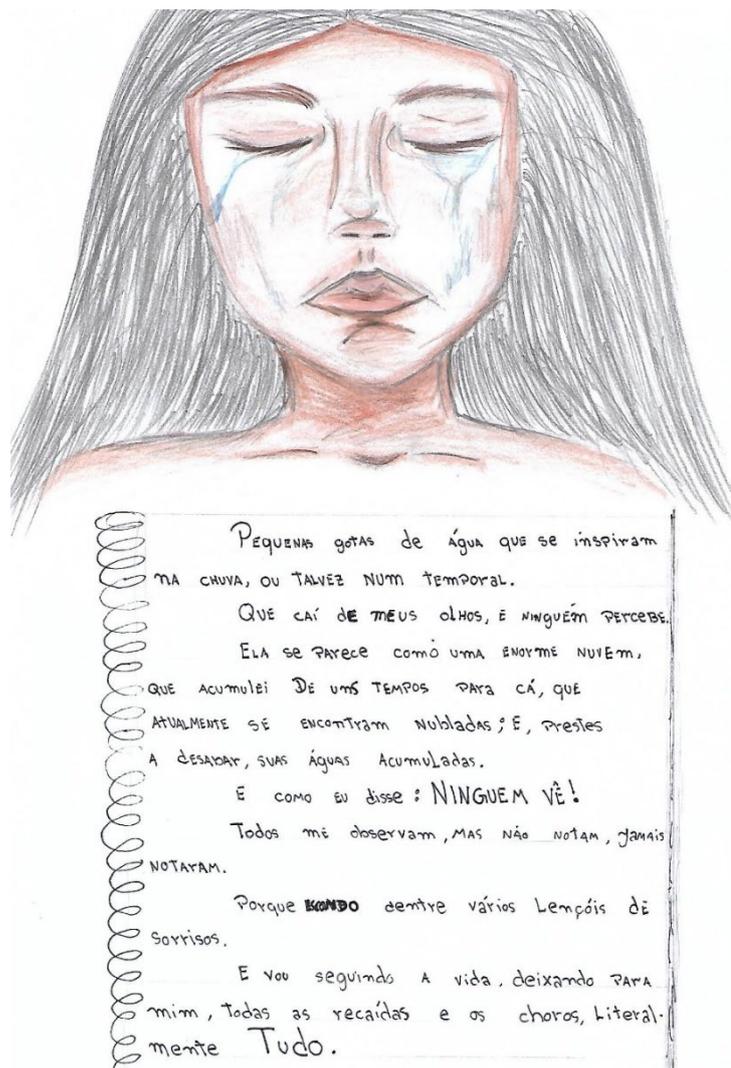


Figura 1 – Desenho e poema produzidos por alunas da 1ª série do Ensino Médio, ambas com 16 anos.

Analisando a Figura 1, percebemos a ideia de autorretrato, bem como a presença das lágrimas, associadas à ideia de que o adolescente acaba se expondo a este sentimento extremo, sobretudo por perceber-se invisibilizado em seu cotidiano: “E como eu disse: NINGUÉM VÊ”.

A relativização do choro e do outro em si são comuns em situações em que o *bullying* se faz presente, especialmente quando se associa a ideia de força/fraqueza às relações. Ideias comuns como: “homem não chora”, “mulheres choram normalmente, pois são mais sensíveis”, relativizam as noções de que todos nós somos suscetíveis a sentimentos e, muitas vezes, o choro é um sinal de que estamos em um processo de esgotamento mental, provocado, em boa medida, pelas pressões impostas pelos adultos,

pelos professores ou mesmo pelas situações vivenciadas por diversas outras maneiras de se viver em uma sociedade que mais nos desumaniza do que nos humaniza.

Temos adiante os relatos produzidos pelas alunas que, conjuntamente, produziram o conteúdo da Figura 1: em A1 o relato da aluna que desenhou sobre o poema e em A2 o relato da aluna que produziu o poema.

A1 - “Quando eu li o poema a primeira imagem que veio a minha mente foi essa, e eu sabia que seria o desenho que mais se encaixaria para mim, pois ao longo dos versos o que mais se fala é em lágrima, sorriso, tudo ou nada, acho que só acrescentaria atualmente esse sentido paradoxal que o texto traz consigo.”

A2 - “Em 2019, escrevi o poema “lágrimas de setembro”, pois foi onde diversas memórias me deixaram vulnerável, muitas delas foram do meu falecido avô; éramos muito próximos e fazíamos praticamente tudo juntos. O motivo principal do poema era ele, e da enorme falta que me fazia, eu raramente sou de chorar por essa situação, então ao invés de lágrimas as transformei em palavras, resumi tudo que estava me sufocando em um bloco de notas. Cada parte desse poema é sobre um sentimento verdadeiro e vivenciado por mim, e jamais imaginei que um dia eu poderia compartilhá-lo a outras pessoas. Fico feliz até, pois eu amo demais escrever e isso é uma grande conquista para mim.”

A respeito do sentido paradoxal trazido pela aluna A1, temos a própria noção de inconformismo com a situação vivenciada e exposta no poema: a falta de sentido numa realidade que pressiona os adolescentes a serem, muitas vezes, viventes a partir do modo de ser dos adultos, sem a possibilidade de vivenciarem sua própria subjetividade, seus anseios, seus questionamentos, sem a pretensa autenticidade filosófica, que buscamos explorar não só neste projeto, mas em nossa vida como um todo.

Tem-se na escrita, por parte da aluna A2, um meio de expressar não só o inconformismo com as memórias e a perda de um familiar, mas uma maneira de compartilhar os sentimentos e torná-los autênticos, atuais e, sobretudo, uma maneira de movimentar o pensamento, compreender a realidade que se nos apresenta e buscar superar “aquilo que nos sufoca”, nada mais do que todas as situações que nos impõem ou nos pressionam a dar sentido/significado àquilo que vivenciamos.



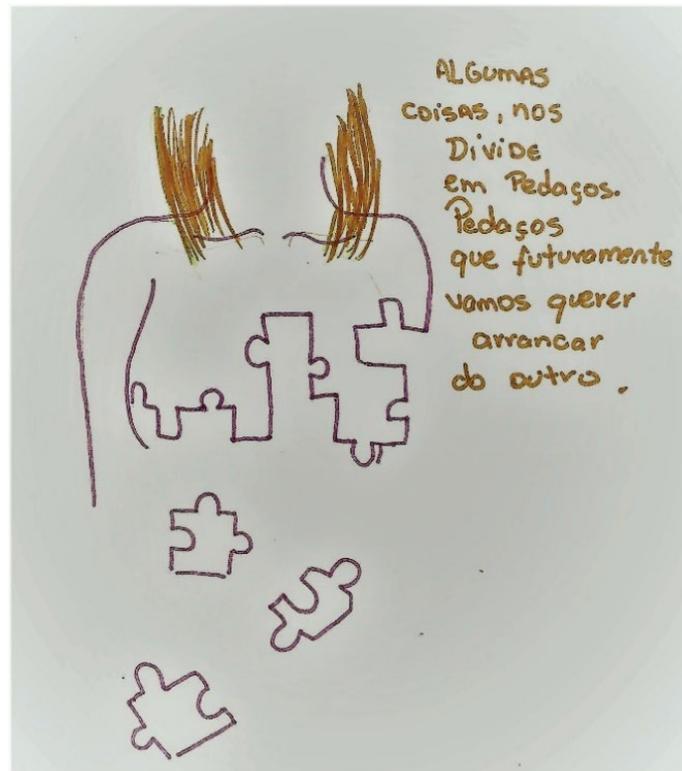


Figura 2: Desenho e frase produzidos por aluna da 3ª série do Ensino Médio, de 17 anos



A respeito da Figura 2, também produzida após os encontros, diálogos e experiências filosóficas do projeto, temos a associação de desenho e frase, representando o corpo como se fosse um conjunto de peças de quebra-cabeça, que podem ser encaixadas/desencaixadas. Além disso, a frase representa essa ideia de corpo como algo dividido; porém, essa divisão ocorre através de “algumas coisas”, que vão nos despedaçando com o passar do tempo e das situações vivenciadas. Essa experiência – entendemos dolorosa – de ter pedaços arrancados por outras pessoas, poderá levar o sujeito a querer, no futuro, a fazer o mesmo com outros. Pedimos à aluna que relatasse o que a motivou a pensar e representar o desenho e frase desta forma.

“Eu penso que quando uma pessoa sofre bullying ela perde pedaços dela. Por exemplo, quando alguém faz vários comentários sobre seu corpo, principalmente quando você tem dificuldade de aceitar-se como é e por existir um padrão que você não se encaixa, uma pressão para que sejamos de determinada forma, você acaba internalizando essa situação. De tanto ouvir essas “brincadeiras” acabamos internalizando. As “brincadeiras” repetitivas, o bullying, acaba sendo um pedaço retirado de você mesmo, que por mais que você faça terapia será muito difícil de recuperar. Olhar para nosso corpo e reconhecer como algo que nos compõe, como algo bom e se sentir bem com isso deveria ser algo comum, normal, mas diante do bullying acabamos mudando, perdendo o carinho por aquela parte que tanto criticaram, falaram ou nos “arrancaram”, dividiram em pedaços e nos julgaram. Arrancar pedaços do outro no sentido de autodefesa mesmo, pois muitas pessoas

não sabem lidar com as perdas, acabamos projetando no outro aquilo que perdemos, acaba se tornando um ciclo de bullying, propagado de forma irracional, pois você perde e acaba querendo tirar pedaços do outro, sempre. Se a outra pessoa sentir o que eu sinto, eu vou me sentir bem ao arrancar do outro aquilo que foi tirado de mim. Assim teríamos um bullying indireto, em que acabamos perdemos um pedaço, tiramos um pedaço do outro e assim a empatia desaparece das relações entre as pessoas.”

Percebemos, tanto no desenho/frase, quanto no relato da aluna, a presença da ponte entre a problemática do *bullying*, sua experiência particular e a experiência dos outros colegas quando há críticas ou comentários que implicam na dificuldade na aceitação do próprio corpo.

É razoável afirmarmos que a dificuldade de aceitação não se trata de um aspecto individual, mas algo construído por uma série de razões outras, propagadas através dos inúmeros preconceitos construídos na cultura em que vivemos, em que se buscam padronizações para determinar quais sujeitos são mais ou menos belos, mais ou menos visíveis, mais ou menos importantes. Nesse sentido, o fenômeno *bullying* se manifesta quando os sujeitos se entendem uns aos outros dentro desses encaixes/desencaixes, nessas padronizações determinadas por um estado de coisas que materializa as relações e não permite vivermos como somos, nos manifestarmos como somos.

A situação conflituosa, gerada pelas padronizações, esfacela a individualidade dos sujeitos, limita a vivência das relações. A superação dessa situação, a nosso ver, poderá ser construída exatamente a partir de experiências como as que nos propusemos nesta atividade de ensino/pesquisa: a partir de uma empatia sensibilizadora, que não se trata apenas de se colocar próximo ao outro, mas outrossim, de *buscar pensar e sentir como se fôssemos o outro e junto com o outro*.

Por fim, poderíamos nos perguntar se as Figuras 1 e 2 representam bons exemplos daquilo que Adorno (1996) chama de *autenticidade e atualidade da Filosofia*, premissa que entendemos razoável como pressuposto para a defesa da Filosofia e sua importância para o enfrentamento das situações de *bullying* e preconceito que atingem nossos estudantes no dia a dia das escolas.

Entendemos que as figuras têm significados autorais, autênticos e escapam, muitas vezes, às nossas melhores considerações, tamanha é a carga de sentimentos envolvidos e, sobretudo, razões e reflexões envolvidas. Verificamos não apenas a consciência em relação à problemática investigada ao longo das atividades propostas, mas, sobretudo, a preocupação em vivenciar a experiência filosófica, o desejo de entendimento de si



mesmo, a construção de *empatia*, enfim, uma autenticidade filosófica em que o pensar e o sentir atingem seu ápice.

Considerações finais

Diversos são os movimentos possíveis num mundo tão repleto de velocidade e superficialidade; porém, carentes de pensamento crítico. Reservamos a ideia de movimentar, não necessariamente com a pressa das opiniões e das redes sociais. O movimento a que nos propusemos, ao ensinar Filosofia, é a cadência daqueles que se permitem a observar os detalhes, os sentimentos, cada uma das palavras e cada um dos traços feitos num papel.

É preciso o abandono do comodismo e das certezas: uma abertura a novas perspectivas, que entendemos que pode ser proporcionada pela Filosofia, especialmente quando nos propusermos a olhar os dilemas que pertencem à realidade de vida de nossos alunos. Ao vivenciarmos as experiências filosóficas na escola, parte integrante do projeto desenvolvido, identificamos o abandono paulatino dos preconceitos que caracterizam as situações de *bullying* e a construção de um novo estado de vida em que a reflexão crítica e a empatia sejam fecundas e geradoras de tranquilidade, em vidas já tão estigmatizadas pelas situações de barbárie.

A atenção aos limites impostos na formação dos alunos, levados à valorização apenas de conhecimentos pragmáticos e técnicos, é tarefa primordial do professor de Filosofia, para proporcionar a necessária humanização, reflexão e crítica para que eles possam enfrentar as contradições, os preconceitos e o *bullying*.

O desafio ora enfrentado, que não se encerra neste projeto, é manter-se em constante estado de inter-relação teoria-prática, levando os conhecimentos necessários para o enfrentamento dos desafios próprios de nossa sociedade, em especial, as situações de violência, preconceito e *bullying* que atingem nossos adolescentes e jovens no cotidiano das escolas.

Por fim, ensinar Filosofia é uma constante abertura à realidade, compartilhada entre professor e alunos, experimentando o processo de desacomodar-se das certezas que até então possuíamos. Diante de um problema como o *bullying*, diante dos tabus disseminados pelos preconceitos, diante da agressividade e da violência, não cabe o comodismo: é preciso lutar, com coragem, em busca de tempos melhores.



Referências

ADORNO, Theodor *A educação contra a barbárie*. Trad. Wolfgang Leo Maar. In: ADORNO, Theodor. *Educação e Emancipação*. São Paulo: Paz e Terra, 2003. p. 155-168.

_____. *Die Aktualität der Philosophie*, In ADORNO, Theodor. *Philosophische Frühschriften*, Band I. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1996. p. 325-344.

MAIA, André Augusto. *O ensino de Filosofia e o bullying: entre o currículo e as aulas*. Dissertação (mestrado) -Universidade Federal de São Carlos, campus São Carlos, São Carlos, 2019.

PUCCI, Bruno. *A atualidade da Filosofia em Adorno*. In: MOREIRA, Alberto da Silva; PUCCI, Bruno; ZAMORA, José Antônio (Org). *Adorno – educação e religião*. Goiânia: Editora da Univ. Católica de Goiás, 2008, v. 1, p. 79-89.

PUCCI, Bruno; ZUIN, Antonio Álvaro Soares; RAMOS-DE-OLIVEIRA, Newton. *Adorno: o poder educativo do pensamento crítico*. 5ª ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2012.



MAIA, André Augusto. O ENSINO DE FILOSOFIA E O BULLYING: RETRATOS DE UMA EXPERIÊNCIA FILOSÓFICA. *Kalagatos*, Fortaleza, Vol.18, N.2, 2021, p. 157-172.

